

## O centenário da Sinagoga israelita do Recife (1926-2026): uma sinagoga pernambucana

*Creso Nuno Moraes de Brito<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este breve artigo objetiva analisar a trajetória histórica da Sinagoga Israelita do Recife (SYR), também conhecida como Schill ou Esnoga da Martins Júnior, e sua importância na preservação da identidade dos judeus asquenazim e anussim no município. A abordagem metodológica consistiu na análise bibliográfica e no uso de depoimentos do antigo Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco (AHJPE) para compreender as transformações identitárias ocorridas no cenário judaico local. Concluiu-se, entre outros aspectos, que a sinagoga atuou como um espaço de resistência cultural, onde o grupo anussim, sob a liderança do chazan Isaac Essoudry (1935-2017), impediu a deterioração do prédio e consolidou um movimento de resgate identitário entre os descendentes de cristãos-novos a partir das décadas de 1970. Além de se manter como registro arquitetônico relevante da história da imigração judaica europeia para o Estado.

**Palavras-chave:** Judaísmos. Identidades judaicas. História das Religiões em Pernambuco.

### 1 Introdução

A historiografia dedicada à presença judaica em Pernambuco costuma privilegiar o período de dominação neerlandesa no século XVII EC, associando a memória histórica e religiosa local à Kahal Zur Israel, a primeira sinagoga oficial das Américas, construída pelos judeus hispano-portugueses de Amsterdã, sob a liderança do célebre rabino Isaac Aboab da Fonseca (Weitman, 2023, p.93). Todavia, a continuidade e as transformações das práticas judaicas na região estendem-se por temporalidades mais complexas que alcançam a contemporaneidade. No âmbito citadino do Recife, os espaços judaicos edificados não se limitam ao serviço dos usos e ritos litúrgicos ou a congregar os indivíduos; funcionam como arquivos vivos e locais de interação onde a memória e a identidade social são negociadas face às transformações culturais, demográficas e urbanas.

O objeto central deste escrito é a **Sinagoga Israelita do Recife (SYR)** – historicamente denominada Schill ou Esnoga da Martins Júnior –, localizada no bairro da Boa Vista. Ao cruzar o marco de seu centenário (1926-2026), a trajetória desse edifício em estilo Art Déco oferece um panorama analítico de historicidade ímpar: a transfiguração de um antigo bastião da tradição asquenazita, oriunda do Leste Europeu, em um território de acolhimento, mas também de disputa e revitalização identitária para os Bnei Anussim (os “filhos de forçados”, ou seja, os descendentes dos antigos cristãos-novos ibéricos coloniais).

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião, Unicap. Mestre em História Social, UFRPE. Bolsista CAPES. E-mail: cnmbrito@gmail.com



Mapear a história desse edifício exige um instrumental teórico capaz de dar conta da relação entre espaço físico e dinâmicas sociais na modernidade. Para tanto, ancora-se esta análise no conceito de identidade operado por Zygmunt Bauman (2005), compreendendo-a como um projeto contínuo e permanentemente sujeito a reconstruções. No plano da memória e da resistência institucional, recorreu-se às formulações de Nathan Wachtel (2009) sobre os labirintos marranos, estabelecendo um diálogo estreito com a produção historiográfica local de Tânia Kaufman (2005) e Jacques Ribenboim (2006/2018).

Do ponto de vista metodológico, a investigação amparou-se no cruzamento de fontes bibliográficas com o exame de depoimentos e inventários preservados no antigo Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco (AHJPE). Através desse escopo documental, reconstrói-se a micro-história do templo da Rua Martins Júnior, interpretando as transformações de sua ocupação e de sua espacialidade interna como reflexos diretos das disputas por legitimação que agitaram o cenário judaico recifense ao longo do último século.

## 2 A Gênese da SYR: imigração asquenazita e a ocupação da Boa Vista

A emergência da Synagoga Israelita do Recife está intrinsecamente vinculada a uma profunda alteração no perfil socioeconômico e cultural da comunidade judaica local na transição do século XIX para o XX. Até meados do oitocentos, a presença judaica na província era constituída majoritariamente por cristãos-novos (judaizantes ou não) e por indivíduos de origem sefardita mediterrânea, especialmente marroquinos, integrados às redes de comércio de importação e exportação e às elites políticas da capital pernambucana.

Esse panorama foi drasticamente reconfigurado a partir das primeiras décadas do século XX, com a chegada de sucessivas levas migratórias provenientes do Leste Europeu. Fugindo da miséria crônica, da instabilidade geopolítica e do terror dos pogroms que assolavam regiões como a Polônia, a Rússia, a Romênia e a Bessarábia, esses novos contingentes de matriz asquenazita aportaram em Recife trazendo consigo uma bagagem cultural distinta daquela que caracterizava os antigos núcleos sefarditas. Esses imigrantes portavam o ídiche como língua materna e estruturavam sua cosmovisão a partir da experiência comunitária dos shtetls europeus.

Inicialmente estabelecidos em habitações coletivas e sobrados nas zonas de forte apelo comercial popular no centro do Recife – com proeminência para o bairro da Boa Vista e os arredores da Praça Maciel Pinheiro –, esses indivíduos inseriram-se na economia urbana por meio do comércio ambulante e da pequena manufatura. À



# DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

medida que alcançavam estabilidade material, a necessidade de institucionalizar a prática religiosa tornou-se premente (Kaufman, 2005. p.97-102).

As reuniões litúrgicas, inicialmente realizadas de forma improvisada em salas alugadas ou nos recintos domésticos de residências particulares, demandavam a criação de um espaço edificado próprio. Esse templo deveria funcionar simultaneamente como centro devocional e como polo de convergência social, garantindo a coesão do grupo e a transmissão de suas tradições originais em meio a uma nova etapa da diáspora judaica asquenaze. É desse anseio de coesão que nasce o projeto da Sinagoga Israelita do Recife.

138

### 3 Arquitetura e liturgia no "Schill da Boa Vista"

A materialização desse projeto institucional ocorreu formalmente em 16 de maio de 1926, quando a comunidade judaica asquenazita do Recife, em plena expansão e liderada por Jaime Averbuch, adquiriu de Maria Adelaide Pinto de Lemos um imóvel localizado na Rua Martins Júnior, nº 29, pela quantia de doze contos de réis. Inaugurado solenemente em 20 de julho do mesmo ano, o edifício foi projetado para ser o bastião de uma rigorosa tradição religiosa em solo pernambucano (Ribemboim, 2023, p.448).

Do ponto de vista arquitetônico, o templo apresenta uma fachada de linhas simples e sóbrias que, ao incorporar o estilo Art Déco, integra-se discretamente à arquitetura urbana do bairro da Boa Vista, resguardando em seu interior a disposição tradicional das sinagogas da Europa Oriental. O edifício, de planta retangular, orientava sua engenharia litúrgica em direção ao Oriente: o Aron Hakodesh (a Arca Sagrada), nicho destinado à salvaguarda dos rolos de pergaminho da Torá, que fica posicionado na parede voltada para Jerusalém.

No centro do salão principal, destacava-se a bimá, o estrado elevado de onde o oficiante e as lideranças conduziam as leituras bíblicas. A rígida separação de gênero estipulada pela ortodoxia era rigorosamente mantida pela ezrat nashim, uma galeria superior especificamente destinada ao público feminino, garantindo a diferenciação dos espaços durante os serviços religiosos.

Durante décadas, a SYR foi o "Schill da Boa Vista", isto é, a "Sinagoga dos Asquenazim". Mais do que um templo para preces, o edifício funcionava como um centro de assistência social e o coração pulsante da sociabilidade judaica local. Ali, o ídiche era a língua dominante e as paredes do edifício testemunharam o acolhimento de novos imigrantes, o funcionamento de comitês de ajuda mútua e a estruturação de um polo de estudos rituais.



Pelas imediações desse ecossistema e pelo seu salão circularam figuras que moldariam a cultura brasileira, a exemplo da escritora Clarice Lispector – cuja infância se desenrolou nas proximidades da Praça Maciel Pinheiro – e do físico Mário Schenberg. Nesse período, marcando os anos trágicos da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto, a manutenção das práticas rituais na Martins Júnior adquiriu um caráter quase sagrado de resistência espiritual e preservação da memória dos antepassados (Ribemboim, 2008, p.51-53).

#### 4 O declínio demográfico e o encontro com os Bnei Anussim

A manutenção de uma estrutura sinagoga tradicional no centro do Recife impunha desafios diários aos seus frequentadores. O cumprimento rigoroso das leis relativas ao Shabat (o descanso sabático), a obtenção de alimentos que seguissem os preceitos da *Cashrut* (as leis dietéticas) e a formação diária do *Minian* – o quórum mínimo de dez homens adultos necessário para a realização de certas preces comunitárias – exigiam um esforço hercúleo por parte dos membros mais observantes.

A partir da década de 1970, contudo, o dinamismo urbano e social do Recife começou a desenhar um novo panorama para a congregação da Martins Júnior. À medida que os filhos e netos dos pioneiros imigrantes asquenazitas ascendiam socialmente e migravam residencialmente para bairros mais nobres e litorâneos da cidade, como Casa Forte e Boa Viagem, o centro histórico sofreu um gradativo esvaziamento.

Esse processo de dispersão geográfica e transformação cultural das famílias tradicionais mergulhou a sinagoga em um período de esvaziamento. As preces diárias tornaram-se cada vez mais raras, e a dificuldade para a formação do *Minian* passou a ser uma constante, dependendo frequentemente do esforço de uns poucos membros mais observantes que se recusavam a deixar o templo cair no esquecimento. De fato, o centro dinâmico da comunidade israelita recifense deslocava-se paulatinamente para novos templos erguidos em outras zonas da cidade, e o edifício da Martins Júnior passou por um gradativo período de degradação física e quase um silenciamento litúrgico.

É justamente nesse cenário de declínio e de afastamento por parte de alguns descendentes de seus fundadores originais que a Sinagoga Israelita do Recife cruzará o seu destino com um fenômeno identitário inteiramente novo e imprevisito: a emergência dos *Bnei Anussim* ou marranos recifenses. A partir da década de 1970, mas com especial vigor nas duas décadas seguintes, indivíduos de origem predominantemente local e nordestina, sem vínculos formais com a comunidade judaica institucional, começaram a frequentar o espaço da Martins Júnior.



# DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

140

Esses novos frequentadores eram atraídos pelo desejo de resgatar uma ancestralidade judaica oculta, preservada de forma fragmentária através de relatos de memória familiar e práticas domésticas interpretadas como judaizantes (como rituais de luto e hábitos de higiene mantidos no segredo do lar). Esses indivíduos alegavam descender dos antigos cristãos-novos coloniais, e posteriormente muitos até conseguiram comprovar documentalmente tal ascendência. Para esse grupo, o espaço físico do Schill, com sua atmosfera carregada de história e sacralidade, tornou-se o cenário ideal para o desenvolvimento de uma identidade que se apresentava como resistência etnorreligiosa e de retorno ancestral (Wachtel, 2009, p.380-381).

Nesse contexto, a sobrevivência material e litúrgica do edifício deveu-se à figura resiliente de Isaac Essoudry (1935-2017 EC). Chazan de origem marroquina, Seu Isaac (como era chamado por seus alunos) tornou-se o guardião do templo, mas também o elo entre o passado asquenaze e um presente que precisaria incorporar esse neo-judeus. Sob a sua tutela, o Schill asquenazita transfigurou-se na "Esnoga", a Sinagoga dos Marranos/Anussim.

Seu Isaac acolheu esses "retornados" com generosidade, ensinando-lhes a Torá, preparando-os para a vida comunitária e atuando como seu "*chacham*" – o sábio e patriarca da comunidade. Os *anussim* passaram então a assumir progressivamente as tarefas de manutenção física do prédio e a integrar os serviços litúrgicos, garantindo a própria sobrevivência do templo que, de outra forma, corria o risco iminente de fechar as portas em definitivo (Athias, 2025, p.109).

Essa apropriação do espaço físico do Schill pelos *anussim*, contudo, não ocorreu sem conflitos, resistências ou ambiguidades por parte das autoridades rabínicas e dos dirigentes das instituições oficiais. Embora vários dos anciãos locais acolhessem o auxílio dos *anussim* para garantir a realização das preces e manter o edifício aberto, a liderança comunitária institucional por vezes via com extrema desconfiança a presença daquele grupo heterogêneo. As reivindicações de identidade baseadas na memória familiar desafiavam as normas formais de pertença ao judaísmo tradicional, como a matrilinearidade ou a conversão ortodoxa formal segundo os critérios da *Halachá* (a lei judaica).

Os conflitos agudizaram-se à medida que o grupo, sob a orientação litúrgica de Seu Isaac, passou a conferir uma tonalidade marcadamente sefardita aos serviços realizados no templo, tensionando a memória asquenazita original do espaço. O uso do ladino ou judezmo em preces e canções dolentes que remetiam ao universo cultural do Mediterrâneo judaico alterou a dinâmica da liturgia sinagoga. As divergências acerca de como conduzir a liturgia, de quem possuía a autoridade para liderar as preces e do estatuto legal daqueles indivíduos evidenciaram que o espaço da SYR tinha



# DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

adquirido um papel social singular, marcado por disputas pelo poder de definir as fronteiras do pertencimento.

Essa situação de permanência e tensão estendeu-se até o início dos anos 2000, quando fatores estruturais alteraram definitivamente a rotina do edifício. Em 2005, um vendaval de grandes proporções causou sérias avarias no telhado e na estrutura física do antigo edifício da Martins Júnior, provocando um desabamento parcial do teto. O local foi declarado inseguro pelas autoridades civis para a realização de reuniões públicas. Diante do impasse físico e da escassez de recursos imediatos por parte da congregação marrana para arcar com as vultosas obras de engenharia, as atividades internas foram temporariamente suspensas, forçando a transferência das preces para um espaço adaptado por Seu Isaac na Rua Marquês do Amorim, a Sinagoga Beit Shmuel (Ribemboim, 2023, p.450).

141

## 5 O centenário da Martins Júnior: o retorno e a aliança pela memória

A suspensão temporária das atividades, contudo, não significou o fim da história da Synagoga Israelita do Recife. O legado do Schill da Boa Vista permaneceu inabalável no imaginário de ambos os grupos. Anos depois do sinistro estrutural, o templo passou por uma ampla reforma e restauração de suas linhas originais. Fundamentalmente, esse processo de reativação foi impulsionado pelo fato de que algumas famílias asquenazitas, descendentes dos antigos fundadores e frequentadores, escolheram manter o edifício historicamente de pé, elegendo-o como o lugar ideal para a realização de rituais de passagem, colóquios e encontros comunitários.

Após esse período de reestruturação e após a aliá final de Seu Isaac ocorrida em 2017 EC, os anussim obtiveram autorização da nova diretoria da SYR e novamente se dirigiram para a velha sinagoga da Rua Martins Júnior, onde permanecem realizando suas preces e estudos até os dias atuais. Esse retorno consolidou uma aliança histórica e material indissolúvel entre a salvaguarda do patrimônio edificado asquenaze e a vitalidade litúrgica trazida pelos descendentes de cristãos-novos.

Assim, no ano em que a sinagoga completa o seu centenário (1926-2026), ela já não se configura apenas como um monumento à imigração asquenaze do século passado e suas esperanças de encontrar um refúgio de liberdade; ou somente como uma porta de entrada para os *anussim* que, mesmo após séculos de ocultamento, conseguiram ser acolhidos de volta. O edifício da Martins Júnior consolidou-se como o elo material das diferentes correntes e experiências históricas que formaram o judaísmo em Pernambuco, mantendo-se ativo como um centro perene de estudo e oração. Ao mesmo tempo que revela também o modo como as identidades configuram-se como complexos processos de apropriação, resignificação e



# DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

manejo da memória, das práticas socioculturais e das concepções prévias daquilo que se atribui ser a identidade ideal ou verdadeira (Bauman, 2005).

## 6 Considerações finais

A trajetória centenária da Sinagoga Israelita do Recife demonstra que a arquitetura sagrada é, antes de tudo, uma arquitetura de relações sociais e de preservação da memória contra as artimanhas do tempo. O edifício da Rua Martins Júnior resistiu não apenas às intempéries climáticas que ameaçaram sua estrutura física em 2005 EC, mas também aos profundos fluxos de esvaziamento demográfico que caracterizaram o centro histórico do Recife na segunda metade do século XX.

Essa breve análise histórica revela que o encontro entre o tradicionalismo asquenazita fundador e o movimento de retorno dos *Bnei Anussim*, inicialmente sob a liderança de Isaac Essoudry, foi o fator determinante para que o templo não se transformasse em uma ruína esquecida. Ao abrigar simultaneamente a memória europeia de seus instituidores e a busca por dignidade litúrgica dos herdeiros do criptojudaísmo colonial, a SYR firmou-se como um símbolo concreto da resiliência da identidade judaica e do espírito humano diante da tentação do esquecimento. Que os méritos dos que ali rezaram, estudaram e esperanças permanecem como seus fundamentos por, pelo menos, mais um centenário. Para que assim se confirme o dito do profeta: “*Baruch Kebod Ad-nai mimekomó!*” (Bendito é o Senhor desde Sua mansão).

## Referências

ATHIAS, Renato. Kahal Zur Israel: a Sinagoga e os Bnei Anussim no Recife. In: CAVALCANTE, Ana Paula; BARRIO, Angel Espina; VALERIO, Daniel; HELIO, Mario (Orgs.). **Judaísmo, História e Transculturalidade**. Recife: CEPE, 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KAUFMAN, Tânia Neuman. **Passos perdidos, história recuperada: a presença judaica em Pernambuco**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

RIBEMBOIM, Jacques; RIBEMBOIM, José Alexandre; PORTO, Waldenio. **Sinagoga Israelita do Recife de portas abertas**. Recife, PE: Comunigraf, 2008

RIBEMBOIM, Jacques. **História dos judeus de Pernambuco**. Recife: Cepe, 2023.

WACHTEL, Nathan. **A fé na lembrança: labirintos marranos**. São Paulo: Edusp, 2009.

WEITMAN, Y. David. **Pioneiros espirituais no Brasil colonial**. Século XVII. São Paulo: Editora Maayanot, 2023.

